

O SPANGLISH E OS NYORICANS: IDENTIDADES EM (RE)CONSTRUÇÃO

Thábata Christina Gomes de Lima

Doutorado/UFF

Orientador: Dr. Xoán Carlos Lagares Diez.

Introdução

Segundo Rajagopalan (2003:69), “uma das maneiras pelas quais as identidades acabam sofrendo o processo de renegociação, de realinhamento, é o contato entre as pessoas, entre os povos, entre as culturas”. Através do contato com diferentes povos e diferentes culturas, as pessoas vão construindo e reconstruindo suas identidades.

O referido autor esclarece que “as línguas são a própria expressão das identidades de quem delas se apropria. Logo quem transita entre diversos idiomas está redefinindo sua própria identidade. Dito de outra forma, quem aprende uma língua está se redefinindo como uma nova pessoa”. (RAJAGOPALAN, 2003, p.69)

Partindo do pressuposto de que as identidades não são fixas, inacabadas ou completas, podemos acreditar que o ser humano viva em uma constante busca por descobrir-se e/ou (re)definir-se, e o contato com pessoas, línguas e culturas diferentes pode ser um ponto crucial no desenvolvimento desse processo.

Tomando por exemplo a situação dos porto-riquenhos residentes em Nova York, os quais convivem diariamente com a problemática de pertencer a dois lugares e ao mesmo tempo a nenhum deles por completo, podemos compreender como a utilização de um determinado fenômeno (*Spanglish*) pode ser fundamental na manifestação das identidades híbridas desses indivíduos. Além disso, podemos observar como os porto-riquenhos encontraram maneiras de se adaptar ao modo de vida norte-americano, sem perder aquilo que consideram como “*essência boricua*”.

Os Porto-Riquenhos nos EUA

Segundo Acosta Bel (2014), a invasão estadunidense à Ilha e os resultados promovidos com a promulgação da Lei *Foraker* desempenharam um papel muito importante no crescimento da migração *boricua* à nova metrópole. Desde primórdios do novo regime colonial, os governadores estadunidenses enviados a Porto Rico promoveram a emigração de trabalhadores agrícolas porto-riquenhos na tentativa de “aliviar” a pobreza que afligia a maioria da população. Os estragos provocados pelo furacão San Ciriaco, em 1899, agravaram ainda mais as dificuldades sociais e econômicas dos moradores da ilha. A migração como “válvula de escape” se converteu em uma prática governamental muito comum nas décadas seguintes.

O governo norte-americano também recrutou diversos trabalhadores porto-riquenhos, que eram contratados e trasladados a diversas cidades estadunidenses em barcos de vapor, para trabalhar principalmente em indústrias agrícolas e manufatureiras. Isso serviu como uma maneira eficaz de obter, para a economia dos EUA, mão de obra agrícola barata. Outro fator que contribuiu para o aumento da migração foi a queda da economia cafeeira na ilha, que, aos poucos, foi trocada por uma economia açucareira, controlada pela capital estadunidense. A diminuição na produção das fazendas locais de café e açúcar provocou a alta do desemprego nos camponeses e forçou a muitos a vender seus terrenos, os quais, em grande parte, foram adquiridos por corporações dos EUA. (ACOSTA BEL, 2014)

Sobre as três grandes migrações porto-riquenhas aos EUA, Morales (2008:141) afirma que:

A primeira, de 1900 a 1945, tem como destino quase único a cidade de Nova York, com Brooklin Yard e Harlem como zonas preferidas, entre as quais se encontram o Bairro no East Harlem, e seções de Manhattan como o Lower East Side, o Upper West Side, Chelsea e a zona do Lincoln Center. (MORALES, 2008, p.141, tradução nossa)

Desse modo, o principal local de destino dos “imigrantes” porto-riquenhos, desde o início, foi a cidade de Nova York. Lá, estes “*boricuas*”, com o passar do tempo, organizaram uma comunidade linguística e identitária conhecida como “*El Barrio*”.

Morales (2008) acrescenta que:

No segundo período, de 1946 a 1964, conhecido como “a grande migração”, se produz uma chegada massiva que obedece às altas taxas de desemprego da ilha. Os porto-riquenhos ampliam suas comunidades de assento ao East Harlem, ao South Bronx e ao Lower East Side (“Loisaida”); também se localizam em Nova Jersey, em Connecticut e em Illinois, ainda que a maior parte continue estabelecendo-se em Nova York. Calcula-se que em 1953

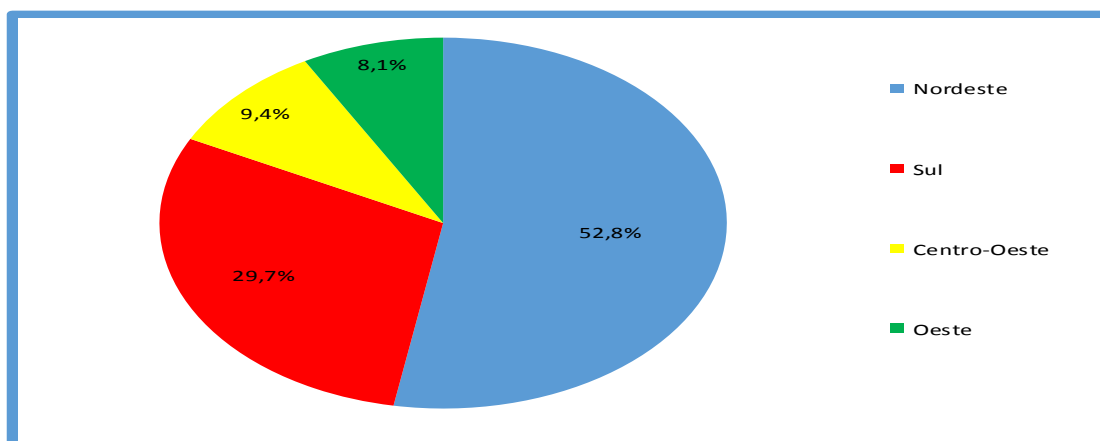
tenha chegado a maior quantidade de imigrantes, ao redor de 75.000 porto-riquenhos [...]. (MORALES, 2008, p.141, tradução nossa)

Assim, entre o período “pós-guerra”, muitos porto-riquenhos abandonaram a ilha e partiram para os Estados Unidos, em busca de melhores condições de vida. Morales (2008) relata que o terceiro período migratório sucedeu a partir de 1965, ficando conhecido como “migração circular”. Nele, iniciou-se um intercâmbio contínuo entre os porto-riquenhos da ilha e dos EUA, de modo que muitos *boricuas* adquiriram um “duplo lar”, passando determinadas épocas do ano com os parentes na ilha e outros com amigos residentes em diversas regiões dos Estados Unidos. (MORALES, 2008, p.141)

Outros fatores estimularam a marcha dos porto-riquenhos aos EUA. Um deles foi a opção de cursar as carreiras universitárias em universidades e centros de estudos norte-americanos. Além disso, “[...] estas não são as únicas possibilidades que têm os jovens porto-riquenhos de ir aos Estados Unidos: podem fazê-lo também por meio do Exército, que oferece condições muito benéficas aos jovens que enrolam em suas filas”. (MORALES, 2008, p.142, tradução nossa) Também há a Guarda Nacional de Porto Rico, que, desde 1940, vem recrutando pessoas de distintas idades para colaborar com o Governo Federal, com treinamento periódico nos EUA. (MORALES, 2008, p.142)

Dessa forma, foram (e são) diversas as motivações que levaram (e ainda levam) muitos porto-riquenhos a migrarem para os EUA. De acordo com o *U. S. Census Bureau* (2010), a distribuição dos porto-riquenhos nos Estados Unidos da América apresenta a seguinte configuração:

GRÁFICO 1: Distribuição dos porto-riquenhos por regiões de destino



Fonte: *U. S. CENSUS BUREAU, 2010. Table 3.*

Ainda que a região Nordeste seja a mais requisitada por este grupo de hispanos, podemos perceber que existe também uma considerável quantidade de porto-riquenhos residindo na região Sul do país. Para Morales (2008):

A Flórida, pela sua pujante situação econômica, tem sido nos últimos anos o segundo estado preferido pelos porto-riquenhos. Na década dos noventa a Flórida começou a competir com força com Nova York como lugar de chegada dos porto-riquenhos e passou a constituir a concentração de boricuas mais numerosa dos Estados Unidos depois de Nova York, substituindo com isso a Filadélfia e a Chicago. (MORALES, 2008, p.144, tradução nossa)

Na Flórida, muitos porto-riquenhos encontraram ofertas de emprego nas lavouras, durante a primeira onda massiva de migração. Atualmente, os *boricuas* que chegam a esta região são, em geral, profissionais procedentes de Porto Rico ou indivíduos de segunda ou terceira geração dos EUA em busca de melhores oportunidades profissionais. (MORALES, 2008, p.145)

Segundo Duany (2006):

A “puertorriqueñización” da Flórida forma parte da diversificação da população hispana nos EUA, assim como do surgimento de novas categorias étnicas entre os imigrantes e seus descendentes, mais além de “nuyoricans”, tais como “florirican”, “orlando-rican” e até “diaspo-rican” (esta última em referência a todos os porto-riquenhos da diáspora). Tais etiquetas híbridas confirmam a pertinência dos contextos locais na formação e na transformação das identidades dos imigrantes e suas crescentes distinções com os residentes da ilha. Ao mesmo tempo, as diferenças entre os nascidos na ilha e aqueles nascidos no continente propõem questões com uma alta carga emocional: por exemplo, quem tem direito a reclamar-se como parte da nação porto-riquenha e como validar esse reclame cultural e politicamente. A diáspora boricua na Flórida, onde os cubanos predominaram entre os hispanos por décadas, é terreno fértil para repensar as identidades culturais no contexto de relações inter-étnicas cada vez mais complexas. Oferece, sobre tudo, uma oportunidade única para examinar até que ponto está surgindo e enraizando-se uma afiliação compartilhada entre os imigrantes de América Latina (DUANY, 2006, p. 74-75, tradução nossa)

Assim, apesar de Nova York ser o local com maior concentração de porto-riquenhos dos EUA, podemos observar um significativo movimento de migração “*boricua*” a outras regiões norte-americanas, principalmente em direção à Flórida e à Filadélfia. Isso vem proporcionando o surgimento de novas categorias étnicas como “*nuyoricans*”, “*florirricans*” e “*orlando-ricans*”, entre outros.

Os “Nuyoricans”

Grem (2003:2) reconhece que, no ano de 1975, Miguel Algarín e Miguel Piñero nomearam como “*Nuyorican*” a um movimento literário constituído por escritores porto-riquenhos em Nova York, que havia começado a tomar forma na década anterior. Segundo a autora, estes poetas resolveram utilizar esta nomenclatura em um título de uma antologia poética que iriam publicar, após serem chamados de “*Newyoricans*” em Porto Rico, por utilizarem o inglês em suas conversas.

Para Mercado (2014), o conceito de “*Nuyorican*” surgiu nos anos setenta com o objetivo de atingir dois propósitos: descrever um grupo de pessoas que moravam nos EUA, mas que não era considerado parte daquela nação, e descrever o movimento literário que aqueles indivíduos criaram. Assim, os porto-riquenhos nascidos ou criados na cidade de Nova York que adotaram o inglês e o estilo de vida norte-americano, e conseguiram combinar isso com o espanhol e os costumes porto-riquenhos, ficaram conhecidos como “*Nuyoricans*”. (MERCADO, 2014, *página web*)

Pérez (1996) acrescenta que:

A designação deste termo já é em si significativo: New York Puerto Rican, em que a parte que corresponde a Nova York nesta palavra se soletra na gramática espanhola “nuyor”, em vez de New. A segunda parte, a que corresponde a Porto Rico, se designa em inglês rican, de Porto Rico. Esta complexa construção designa a ambiguidade do espaço, de ser dois e um ao mesmo tempo. (PÉREZ, 1996, p.191, tradução nossa)

Desta forma, o termo “*Nuyorican*” está relacionado com a ambiguidade a que os porto-riquenhos em Nova York estão expostos, com a dificuldade de serem dois e um ao mesmo tempo, de não serem considerados pertencentes exclusivamente a nenhuma das duas nações: Porto Rico e EUA.

Logo,

A comunidade porto-riquenha de Nova York inscreve-se como parte de uma “nova etnia” [...] nova-iorquina que utiliza o sincretismo linguístico-cultural como estratégia contra-discursiva de resignificação do espaço da metrópole, através de tradições e traduções que geram novas geografias de identidade transnacionais. (Torres, 2000, p.35)

Os porto-riquenhos de Nova York encontram-se inseridos em um sincretismo linguístico-cultural muito peculiar. Através da possibilidade de serem tanto porto-riquenhos

quanto nova-iorquinos, os *nuyoricans* criam e manifestam um espaço intermediário, em que é possível participar um pouco dos dois e, ao mesmo tempo, de nenhum deles completamente.

Acosta Bel (2014) afirma que numerosos escritores da diáspora recrearam as experiências migratórias de suas famílias e os choques culturas entre as diferentes gerações e a sociedade da ilha. “Este grupo, conhecido como os *Nuyorican Writers*, estava composto por Miguel Piñero, Miguel Algarín, Pedro Pietri e Lucky Cienfuegos, que cresceram em Nova York e falavam e escreviam em inglês e espanhol”. (OSORNO, 2004, página web, tradução nossa)

Além disso,

A vida nos bairros e a problemática da identidade também influenciaram a música, as artes plásticas e o teatro. Ritmos musicais como a salsa, o rap, o hip hop e o reggae expressam muitas das condições sociais enfrentadas pelos porto-riquenhos da diáspora e a hibridez cultural que prevalece em seu ambiente. (ACOSTA BEL, 2014, página web, tradução nossa)

Deste modo, com o crescimento e o desenvolvimento das comunidades de porto-riquenhos em Nova York, ampliaram-se também as manifestações artísticas e literárias dos *nuyoricans*, e novos ambientes e associações culturais foram organizados.

Um dos principais locais de representação da arte e da cultura porto-riquenha nos EUA é o “*Museo del Barrio*”, fundado, em 1969, por um grupo de artistas, educadores e ativistas comunitários, no *East Harlem* (El Barrio). Este museu surgiu em uma época de grande ativismo social e político em defesa dos direitos civis das minorias etno-raciais dos EUA, e mantém uma estreita relação com as comunidades porto-riquenhas e latinas, de um modo geral. (ACOSTA BEL, 2014, página web)

FIGURA 1: O Museu do Bairro



Fonte: <http://www.brownpride.com/articles/article.asp?a=436>

De acordo com o periódico online *Impacto Latin News* (2014), o Museu do Bairro é a instituição cultural latina mais importante dos Estados Unidos, e “conta com uma riqueza representada em coleções e exposições amplas, complementadas por filmes, séries de artes literárias, visuais e cênicas, celebrações culturais e programas educativos”. (LA GRAN CULTURA BORICUA, 2014, *página web*, tradução nossa)

Seu principal fundador foi o educador Raphael Montañez Ortiz. Durante a década de setenta, funcionava em escolas, lojas e edifícios da comunidade, antes de encontrar sua residência permanente, localizada na “*Fifth Avenue and 104th Street*”. Sua coleção permanente inclui artefatos taínos da época pré-colombina, artes tradicionais, desenhos do século XX, pinturas, esculturas e instalações, além de gravações, documentários e vídeos que abarcam mais de 800 anos de arte latino-americana, caribenha e latina. (EL MUSEO DEL BARRIO, 2014)

Em 1973, foi fundado o “*Centro de Estudios Puertorriqueños*”, um instituto de investigação filiado ao *Hunter College*. Dedicado ao estudo e à interpretação da experiência porto-riquenha nos EUA, produz uma investigação interdisciplinar relevante. Preserva e proporciona acesso a recursos da biblioteca que documentam a história e a cultura de Porto Rico. Promove a ação social e os debates políticos que visem melhorar a vida das comunidades porto-riquenhas. (LA GRAN CULTURA BORICUA, 2014, *página web*)

FIGURA 2: O *Centro de Estudios Puertorriqueños*



Fonte: <http://www.mamboso.net/nyorican/2013/09/21/nu-yo-rican-opens-el-centro/>

Ao longo dos anos, este Centro cresceu e ocupou distintos espaços. Sua primeira localização foi no escritório do Vice-Chanceler de Assuntos Acadêmicos, próximo ao Centro de Graduação da CUNY; depois, passou para o *John Jay College* e, finalmente, em 1983, assentou-se no corrente local, no *Hunter College*, a convite da então presidente Donna

Shalala. Atualmente, o *Centro de Estudios Puertorriqueños* é uma instituição renomada, com departamentos especializados em pesquisas originais, em geral, relacionadas à ação social. Além disso, publica diversas pesquisas, incluindo o *CENTRO Journal*, e livros interligados à história da diáspora¹.

Também em 1973, “um grupo de poetas porto-riquenhos de Nova York fundou o Nuyoricans Poets Café para promover o encontro literário de dois mundos culturais e linguísticos, e suas experiências nas ruas ‘bravas’ dos bairros urbanos”. (ACOSTA BEL, 2014, *página web*, tradução nossa)

FIGURA 3: *Nuyoricans Poets Café*



Fonte: <http://www.nuyoricans.org/>

O *Nuyoricans Poets Café* começou na sala do apartamento do escritor e poeta Miguel Algarín, em *East Village*. De uma forma geral, a maioria dos fundadores do Café eram poetas, dramaturgos e músicos de diversas minorias, cujos trabalhos haviam sido rejeitados nos principais setores acadêmicos, de entretenimento ou de comunicação. Com o passar do tempo, este local tornou-se insuficiente para comportar a todos os artistas que se reuniam na sala de Algarín. Logo, o anfitrião, juntamente com um grupo de colegas, aluga um bar irlandês, o *Sunshine Café*, que foi (re)batizado como “*El Nuyoricans Poets Café*”. Em 1981, com o crescimento da audiência, estes artistas compraram um antigo edifício de vendas, para expandir suas atividades e programas. Durante as últimas décadas, este Café tornou-se uma das organizações mais respeitadas do país. (LA GRAN CULTURA BORICUA, 2014, *página web*)

¹ <http://centropr.hunter.cuny.edu/about>

Dessa forma, o *Nuyorican Poets Cafe* tornou-se o lugar de encontro de diversos artistas e intelectuais, que buscavam manifestar suas experiências com a diáspora e com a problemática de pertencer a dois lugares e a nenhum ao mesmo tempo. Dentre as diversas manifestações artísticas e literárias, a poesia foi o gênero que mais se destacou entre os escritores *Nuyoricans*. Assim,

A atuação da poesia dentro do Café, junto com a participação ativa dos ouvintes, cria um ambiente favorável para compartilhar a dificultosa tarefa de auto-definição. Como parte deste processo, os poetas *Nuyorican[s]* valorizam as vozes de poetas e ouvintes que participam nas atividades do Café, enquanto também rendem homenagem aos escritores do cânon tradicional que contribuiu ao desenvolvimento da arte poética, ou por seu estilo, sua estética ou o conteúdo de suas obras. (GREM, 2003, p.16, tradução nossa)

A poesia *Nuyorican* desenvolveu-se, então, como uma maneira de os escritores expressarem seus anseios e inquietudes, além de uma tentativa de conciliar tanto as características hispanas quanto as americanas de suas identidades.

Nascimento (2007) acrescenta que:

As obras desses escritores se voltam para a esfera pública da vida cotidiana. São retratos emocionais dos sons do dia-a-dia e dos cheiros das ruas no *El Barrio*. Retratam também, com um realismo contundente, a luta contra a pobreza, o desemprego, as drogas, a AIDS, o racismo e outros problemas sociais. (NASCIMENTO, 2007, p.45)

Logo, os escritores *Nuyoricans* apresentaram-se, também, como militantes sociais, em busca de melhores condições de vida para os moradores de *El Barrio*, de um modo geral.

García (2010:69, tradução nossa) reconhece que “intimamente ligada ao conflito da identidade que sofrem muitos porto-riquenhos se encontra a questão da língua”. Muitos escritores *Nuyoricans* enfrentaram o seguinte dilema: “em qual língua escrever?” Alguns críticos acreditavam que os escritores porto-riquenhos deveriam escrever em espanhol, por remeterem-se aos problemas da Ilha; outros pensavam que os autores deveriam redigir suas obras em inglês, visto que a maior parte das temáticas dos trabalhos estava relacionada à vida nas comunidades de Nova York. Entretanto, muitos desses escritores encontraram na mistura e na alternância de códigos uma alternativa para expressar a dualidade em que viviam.

De um modo geral,

Cada um dos autores porto-riquenhos [...] elege uma determinada língua para criar sua obra: seja em espanhol, seja em inglês, ou seja em ambos (no caso

de que autotraduzam ou utilizem o *code-switching*²), dependendo de diversas circunstâncias como o lugar de nascimento, o lugar de residência, a difusão da sua obra, o alcance editorial que alcançam, etc. Porém, ainda que cada um reflita a sua maneira, no que sim parecem coincidir todos é nesse anseio por definir-se. O denominador comum é a afirmação dessa identidade. (GARCÍA, 2010, p.72, tradução nossa)

Ainda que esses autores escolham distintas formas linguísticas para se expressarem, o que os une é a busca pela afirmação de suas identidades *Nuyoricans*.

Segundo García (2010):

Esta ideia de identificação com duas culturas e duas línguas, que a maioria dos autores porto-riquenhos expressaram desde a metade do século passado e que se acentuou pelo fenômeno da emigração, serviu para perceber uma realidade dupla que enriqueceu a produção artística dos autores ‘riquenhos’ – tanto dos que vivem em uma orla, Porto Rico, como dos que têm sua voz na outra, os Estados Unidos. Apesar das possíveis implicações políticas que puderam inferir da eleição de um código linguístico ou outro na hora de escrever, todos os autores [...], com independência do idioma eleito, exploram a estreita relação entre migração, língua e identidade na hora de lembrar e celebrar sua (bi)cultura ‘riquenha’. (GARCÍA, 2010, p.79, tradução nossa)

Deste modo, independentemente do código eleito, o que estes autores buscam é manifestar sua identificação com as culturas porto-riquenha e norte-americana e reconhecer, de certa forma, seu distanciamento em relação a ambas.

Torres (2009:88) acredita que os *boricuas* forjaram suas próprias identidades nos EUA, e o uso combinado de espanhol e de inglês tem-se tornado o veículo de propagação das mesmas. O autor segue afirmando que “em autores pertencentes a este grupo se observa como o tratamento do contato de línguas é um reflexo da nova consciência linguística que gera o fenômeno”. (TORRES TORRES, 2009, p. 88, tradução nossa)

Um grande representante da Literatura *nuyorican* foi o poeta Tato Laviera. Em um de seus poemas “*My graduation speech*” problematiza a questão de participar de duas línguas e culturas simultaneamente e traz à tona o que isto pode refletir na construção de sua(s) identidade(s).

Observe:

² Segundo Calvet (2012:34-35), o *code-switching* estaria relacionado à alternância de idiomas entre uma frase e outra.

My graduation speech

i think in spanish

i write in english

i want to go back to puerto rico,
but i wonder if my kink could live in ponce,
mayagüez and carolina

tengo las venas aculturadas

escribo in spanglish

abraham in español

abraham in english

“taro” in English

tonto in both languages

how are you?

¿cómo estás?

i don't know if i'm coming

or si me fui ya

[...]

english or Spanish

spanish or English

spanenglish

now, dig this:

hablo lo inglés matao

hablo lo español matao

no sé leer ninguno bien

so it is, spanglish to matao

what i digo

¡ay, virgen, yo no sé hablar!

(Laviera, 1979, p.17)

Nos versos acima, o poeta manifesta a dualidade em que o indivíduo em situação de diáspora e/ou migração se encontra: ao mesmo tempo em que se identifica com ambas as línguas e culturas, se descobre como “não-pertencente” a nenhuma delas. A mistura de códigos acaba tornando-se, então, um instrumento a mais na reafirmação de sua dupla identidade.

Grem (2003) acrescenta que:

Mais do que qualquer característica, estudos da poesia Nuyorican não tratam a linguagem que esta emprega, especificamente seu uso frequente do inglês ou uma mistura de inglês e espanhol comumente chamada ‘Spanglish’. Em geral, estes estudos mostram o uso do Spanglish como a característica que melhor exemplifica a luta interna de parte dos poetas para reconciliar duas culturas diversas, ou a natureza híbrida que resulta na poesia quando logram fazê-lo. Contudo, ainda que este fenômeno linguístico certamente se apresente na tradição Nuyorican, em realidade somente caracteriza uma fração de seu corpo literário. Ao aprofundar mais o tema da linguagem Nuyorican, se nota que o uso do Spanglish forma parte de uma estética mais extensa que consiste no uso da linguagem informal, influenciado pela tradição oral porto-riquenha e a incorporação de vozes diversas. Uma análise desta estética possibilita um entendimento muito mais completo do movimento Nuyorican. (GREM, 2003, p.22, tradução nossa)

Assim, o *Spanglish*, conhecido popularmente como a mistura das línguas espanhola e inglesa, tornou-se um grande aliado dos poetas *Nuyoricans* na busca pela expressão e manifestação de uma dupla identidade.

Atualmente, ser *Nuyorican* vai além de pertencer ou não a determinado movimento literário. Está relacionado a uma forma de vida no continente, de eleger uma identidade e, ao mesmo tempo, expressar autonomia e auto-determinação. (MERCADO, 2015, página web)

Para Zentella (2003):

Os que aceitamos ser *Nuyorican* com orgulho – já vamos por três gerações – nos mantemos unidos entre nós e unidos a Porto Rico, Nova York, o espanhol, e o inglês por meio dos inventos linguísticos que enraizaram nas décadas de pós-guerra e definiram ao *Nuyorican*. Às vezes estes inventos tomavam a forma de sentidos novos para palavras velhas, como quando à *yarda*, a medida, se acrescenta o sentido de “*el patio de la escuela o la casa*” (<inglês *yard*). Mais produtivo ainda é o processo de espanholizar as palavras inglesas. Algumas adaptações fonológicas são características das que faz todo hispano-falante ao tratar de falar o inglês. Estas incluem mudar: o <th> que se assemelha ao <c> ou <z> castelhano, a um <t>, como em *trifti* (econômico <*thriftychoping bag* (bolsa de compras <*shopping bagprojects (caseríos)* a <y>, *proyectos*; ou em acrescentar um /e/ às palavras que começam com /sp/, /st/, ou /sk/, por exemplo, “*I no espeak espanis in esku!*” < *I don’t speak Spanish in school* (“No hablo el español en la escuela”). Ademais, porto-riquenhizamos as palavras que tomamos emprestadas ao pronunciar o <s> ao final de sílaba como um <j> espanhol: *ejtoj <estos*, e ao mudar o /r/ ao final de sílaba a /l/:

paltil < *partir*. Por meio destes processos, *to scrash* (*rascarse*) termina sendo *ejcrachal*. Quando tudo isso se mistura com os porto-riquenhismos da ilha, os quais incluem arcaísmos espanhóis (*prieto*<*negro*), palavras *taínas* (*mime* < *mosquito pequeño*), espanhol das Canárias (*guagua* <*autobús*), africanismos (*ñangota'o* < *de cuclillas*), e crioulismos caseiros (*cur cur/cul cul* <*beber rápido*), *tostao* (*loco*), *picao* (*ebrio*), *enfoganao* (*furioso*), para mencionar somente alguns, o resultado é um verdadeiro *asopao nuyorriqueño*. (ZENTELLA, 2003, *página web*, tradução nossa)

Assim, ser *Nuyorican* é viver entre dois mundos e/ou duas culturas e reafirmar o seu lugar, o seu espaço intermediário. E o *Spanglish* tem-se tornado, para muitos, a principal forma de manifestar essa hibridez que os rodeia.

Algumas Conclusões

Para muitos hispanos nos Estados Unidos, o *Spanglish* configura-se na única maneira possível de expressar a hibridez a que estão submetidos. Os porto-riquenhos, apesar de se reconhecerem como hispanos, possuem também a cidadania norte-americana, o que lhes causa profundas inquietações a respeito da (re)definição de suas identidades.

Aqueles que se intitulam como *nuyoricans* reconhecem que possuem uma identidade híbrida e manifestam seu pertencimento a dois povos, duas línguas e duas culturas diferentes, que não podem ser dissociadas. O *Spanglish*, dessa forma, surge como uma forma de unir os seus dois lados, sem que, com isso, seja necessário abrir mãos das características que os tornam indivíduos multifacetados e multiétnicos. Ele representa, então, não apenas um “modo de falar”, mas uma peculiar maneira de viver.

REFERÊNCIAS

ACOSTA BEL, E. Diáspora puertorriqueña en Estados Unidos. *Enciclopedia de Puerto Rico*, 11/09/14. Disponível em: <http://www.encyclopediapr.org/esp/article.cfm?ref=06082951&page=6> Acesso: 14/10/15.

DUANY, J. Más allá de El Barrio. La diáspora puertorriqueña hacia la Florida. *Nueva Sociedad*, 201. Enero-Febrero, 2006. p. 73-89. Disponível em: <http://nuso.org/articulo/mas-alla-de-el-barrio-la-diaspora-puertorriquena-hacia-florida/> Acesso: 15/10/15.

EL MUSEO DEL BARRIO. Disponível em: <http://www.elmuseo.org/> Acesso: 28/02/16.

GARCÍA, G. S. C. La experiencia literaria 'riqueña': cuestiones de migración, lengua e identidad. *Lengua y migración* 2:2. Universidad de Alcalá: 2010. p. 67-82. ISSN : 1889-5425.

Disponível em: <http://lym.linguas.net/Download.axd?type=ArticleItem&id=79> Acesso: 26/01/16.

GREM, J. M. *Paredes y Puertas: El Nuyorican Poets Cafe y La Poesía Performativa*. A Thesis Submitted to the Graduate Faculty of The University of Georgia in Partial Fulfillment of the Requirements for the Degree Master of Arts. Athens, Georgia, 2003/2006. Disponível em: https://getd.libs.uga.edu/pdfs/grem_jennifer_m_200605_ma.pdf Acesso: 21/10/15.

LA GRAN CULTURA BORICUA DE NUEVA YORK. *Impacto Latin News*. Posted on: 06 June 2014. Disponível em: <http://www.impactony.com/la-gran-cultura-boricua-de-nueva-york/#sthash.3HvX27aw.dpbs> Acesso: 19/10/2015

LAVIERA, T. *La carreta made a U-turn*. Houston: Arte Público Press, 1979.

MERCADO, N. On Being Nuyorican. *Centro Voices*, 10/04/15. Disponível em: <http://centropr.hunter.cuny.edu/centrovoices/letras/being-nuyorican> Acesso: 31/01/16.

_____. Ser o no ser Nuyorican. *La Ventana*, 15/04/14. Disponível em: <http://laventana.casa.cult.cu/noticias/2014/04/15/ser-o-no-ser-nuyorican/> Acesso: 26/02/16.

MORALES, A. Puertorriqueños. In: LÓPEZ MORALES, H. (coord.) *Enciclopedia del Español en los Estados Unidos*. Madrid: Instituto Cervantes-Santillana, 2008. p. 284-310.

NASCIMENTO, D. A. *Redesenhando Fronteiras: identidades diaspóricas na escrita nuyorican de Judith Ortiz Cofer*. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de São João Del- Rei, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. Departamento de Letras, Artes e Cultura, 2007.

Disponível em: http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestletras/DISSERTACOES_2/redesenhando.pdf Acesso: 03/04/16.

PÉREZ, M. La guagua aérea?: Política, status, nacionalismo y ciudadanía en Puerto Rico. In: MATO, D.; MONTERO, M.; AMODIO, E. (eds.). *América Latina en tiempos de globalización: Procesos culturales y transformaciones sociopolíticas*. Caracas, CRESALC, 1996. p. 187-200.

RAJAGOPALAN, R. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RIBEIRO, A. A. Ser ou não ser? Que questão!: Linguagens... . In: RAJAGOPALAN, K.; FERREIRA, D. M. M. (Org.) *Políticas em linguagem: perspectivas identitárias*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2006. P. 81-106.

TORRES, S. Porto-riquenhos em Nova York: discursos diaspóricos e mapas adjacentes. *Textura: Canoas*. Nº 2, 1º semestre de 2000. p. 33-41. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/viewFile/676/486> Acesso: 29/12/15.

TORRES TORRES, A. Expresión lingüística e identidad en los latinos de los Estados Unidos. *CONFLUENZE* Vol. 1, No. 2, p 81-100, ISSN 2036-0967, 2009. Dipartimento di Lingue e Letterature Straniere Moderne, Università di Bologna. Disponível em: <http://confluenze.unibo.it/article/view/1652> Acesso: 21/10/15.

U. S. CENSUS BUREAU. *Guide to State and Local Census Geography*: New York, 2010. Disponível em: http://www2.census.gov/geo/pdfs/reference/guidestloc/ny_gslcg.pdf Acesso: 11/12/15.

VALENCIA, A. D. “Te llamo para atrás, ¿okey?” *Revista La Tadeo*. *Lenguas Del Mundo*. Por La Ruta De Babel. Edición No. 71. Año 2005. p. 181-189. Disponível em: <http://revistas.utadeo.edu.co/index.php/RLT/article/view/563> Acesso: 12/02/16.

ZENTELLA, A. C. Recuerdos de una Nuyorican (1). *Insula*: El español en Estados Unidos y Puerto Rico. Número 679-680. Julio/Agosto, 2003. Disponível em: http://www.insula.es/sites/default/files/articulos_muestra/INSULA%20679-680.htm Acesso: 03/03/16.